

Diversão & Arte



Cena de *Entre nós talvez estejam multidões*: relações interpessoais e ação política entrelaçadas

LUTA E engajamento

A dupla de diretores Aiano Bemfica e Pedro Maia traz para o Festival de Brasília a realidade dos moradores da Ocupação Eliana Silva, que lutam para se fixar em um bairro de Belo Horizonte

» RICARDO DAEHN

Na relação com o mundo e com as pessoas, os diretores Aiano Bemfica e Pedro Maia repelem a neutralidade e assinam obras políticas. “Os filmes que fazemos são, sim, ligados a lutas, questionadores e se propõem abertamente a participar da elaboração de outras formas de se pensar e viver em sociedade. E, por isso, são classificados por parte dos espectadores, rapidamente, como cinema engajado”, observa Bemfica, que, com o parceiro cinematográfico, assina *Entre nós talvez estejam multidões*, penúltimo filme a ser exibido na Mostra Oficial Longa-Metragem do 53º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, hoje, às 23h, pelo Canal Brasil.

O documentário é o terceiro de quatro filmes realizados junto ao Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) e às Ocupações Urbanas de Belo Horizonte, como explica o assumido militante. A vontade que Poliana Souza e Leonardo Pércles, coordenadores da Ocupação Eliana Silva, na capital mineira, tinham de contar a história do bairro resultou no convite para que Bemfica e Maia comandassem a obra. A comunidade se estabeleceu em abril de 2012 e ficou 21 dias cercada pela polícia. Depois de violento despejo, passados três meses, o movimento organizou novamente as centenas de famílias, que retomaram a construção da comunidade, na Região do Barreiro.

Do cotidiano de embates ao registro das relações entre indivíduos e a coletividade, *Entre nós...* capitaliza sonhos e pulsões de pessoas periféricas. “A circulação do filme em espaços como o Festival de Brasília significa muito. A partir da visibilidade é que sua eficácia histórica se vê potencializada, permitindo que seja

ASSISTA

O Festival de Brasília 2020 ocorre de maneira virtual. O filme *Entre nós talvez estejam multidões* será exibido hoje, às 23h, pelo Canal Brasil. Para mais informações sobre as sessões do festival, acesse cultura.df.gov.br/53-fbcb-programacao

inscrita em uma história e uma política mais amplas. Daí, provoca mudanças no seio da sociedade”, ressalta Bemfica.

Amortizar parte de discriminação, preconceito, perseguição policial e descaso do Estado, a partir do filme, impulsiona os realizadores. “Vivemos um período de fascitização e agravamento das ofensivas da direita reacionária e conservadora, não apenas sobre o Estado e seus espaços de governo, mas efetivamente sobre a vida das pessoas. Em especial, das pessoas periféricas, dos negros, das mulheres e dos grupos LGBT, sem contar as organizações de esquerda e seus militantes”, avalia o cineasta. Proporções alarmantes, ainda nas palavras do diretor, se estabelecem “quando chega ao poder no país uma figura como (Jair) Bolsonaro, que prega a violência deliberada como forma de fazer política e pratica uma forma de governo marcada pela irresponsabilidade e pelo descaso com a vida”.

Retrato agitado

Na mira dos realizadores, esteve o retrato vivo (“nunca imóvel”, pelo que diz Bemfica) de um período eleitoral (2018) testemunhado por uma comunidade periférica

e engajada na construção política. “O filme traz ponto de vista para, a partir dele, elaborar junto, e em parceria profunda, com quem ele se realiza. O filme evoca e ajuda a pensar caminhos para superarmos a crise política e democrática em que viemos mergulhando ao longo dos últimos anos”, adianta o realizador.

Integrante da Comissão Nacional de Comunicação do MLB, Aiano Bemfica afinou a criação do longa com projetos como o Mostra Lona — Cinemas e Territórios, uma das inaugurais experiências de cinema on-line, durante a pandemia. O atual período, aliás, só aumenta a tensão frente aos governantes. “Além da política de desinformação, falta projeto que consiga suprir as demandas do povo pobre durante a pandemia. Como falar em isolamento social em casas de 50m² em que moram de quatro a sete pessoas? Como falar em higiene básica em bairros que nem sequer têm água?”, questiona.

Compondo parte da equipe de *Entre nós talvez estejam multidões*, estão moradores com traquejo profissional e formação, na prática, ao longo das filmagens do documentário. Substituindo violências e descasos de personagens que lutam por moradia digna e reforma urbana, despontou a amizade e a vontade de transformação coordenadas por Pedro Maia (*leia Duas perguntas abaixo*) e Aiano Bemfica. “Quanto aos personagens do longa, o que podemos oferecer de mais honesto é abrir o filme para que abrigue, de forma justa, a beleza e a grandiosidade do que eles são, com histórias e sonhos”, conclui Bemfica.

DUAS PERGUNTAS / Pedro Maia

Quando olha para o filme de vocês, identifica inspiração de outros diretores?

O cinema traz uma tradição de linguagem constante e conservada, isso quando se trata de documentário brasileiro. Impossível não contar com a postura de Eduardo Coutinho, um autor que trazia o encontro, o entendimento e a escuta. Por meio da experimentação, ele conseguia

expressar a subjetividade popular brasileira. No desenvolvimento estilístico do filme, apesar de haver algo de observacional, nós, diretores, interagimos, deixando notar o espaço da dramatização.

Que ganho pessoal traz a participação em um filme de dimensões tão coletivas?

Pensamos mais no tempo do fazer o fil-

me. Houve o momento histórico em que foi feito: onde se estava quando houve a chegada do governo facista. No contato muito intenso com as pessoas da ocupação, mostramos a luta constante e a forma necessária de, com vontades e desejos, haver luta sem perda da ternura. Reafirmar todos como gente.

Carlos Moura/CB/D.A Press - 27/9/16



Troféu Candango: os filmes merecedores da honraria neste ano serão anunciados na segunda-feira

A busca pelo Candango

» ADRIANA IZEL

A pandemia da covid-19 trouxe mudanças na 53ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Entre elas, na premiação. Neste ano, todos os 30 filmes selecionados para a Mostra Oficial e Mostra Brasília receberam uma bonificação em dinheiro assim que foram escolhidos para integrar o evento. Na Mostra Oficial, os longas-metragens foram premiados com R\$ 30 mil e os curtas, com o valor de R\$ 15 mil. Na Mostra Brasília, os longas receberam R\$ 15 mil, enquanto os curtas, R\$ 5 mil. Na segunda-feira, o festival entrega o tradicional Troféu Candango de Melhor Filme para cada uma das categorias das mostras, escolhidos por um corpo de jurados e também pelo júri popular.

“Neste ano, nós horizontalizamos tudo. O festival premiou todos os filmes selecionados. Então, entendo como dois júris. A Comissão de Seleção, normalmente, é chamada assim, já premiou na porta de entrada dos filmes, e ainda teremos o Candango, que será dado aos melhores filmes de longa e curta nas mostras Oficial e Brasília, além do júri oficial e do júri popular”, explica o curador Silvío Tendler.

Os seis longas-metragens da Mostra Oficial saíram de uma lista de 133 inscritos. A seleção feita por cineastas ficou a cargo do baiano André Luiz Oliveira, o presidente da comissão; da carioca Adriana L. Dutra; da pernambucana Anne Celestino Mota; do carioca Luiz Carlos Lacerda (Bigode); e de Tânia Montoro, professora da UnB. Os 12 curtas da mostra principal foram escolhidos entre 463 produções inscritas por uma comissão presidida pelo carioca Clementino Junior, com a roteirista Cíntia Domit Bittar, a documentarista Edileuza Penha de Souza, o diretor André Carva-

leira, e Nara Normande, que representa a nova geração. Já a Mostra Brasília, que tem 12 filmes na seleção, foi escolhida pela cineasta Glória Teixeira (presidente), pela atriz Maria Gal e pela realizadora Carina Bini.

“Estamos vivendo um momento muito difícil, não só por conta da pandemia. Então, o festival vem para contemplar todas as falas e olhares. Todos os júris foram pautados na ideia de diversidade e pluralidade”, explica Tendler sobre a presença de mulheres, pessoas negras e diferentes tipos de profissionais ligados ao audiovisual, de roteiristas a jornalistas.

A escolha do melhor filme, que garante o Troféu Candango, conta com um corpo de jurados formado pelos cineastas Ana Maria Magalhães (*Manguieira em 2 tempos*) e Joel Zito Araújo (*Meu amigo Fela*) e pela curadora Ilda Santiago, no júri de longa-metragem da Mostra Oficial; pelo jornalista Carlos Marcelo, pela cineasta indígena Graciela Guarani e pela diretora Liloye Boubli, na escolha de curta-metragem da Mostra Oficial; e pelas atrizes Catarina Accioly e Débora Torres e pelo jornalista Sérgio de Sá, para definir os melhores da Mostra Brasília. O corpo de jurados pode escolher até cinco prêmios especiais.

Neste ano, o festival terá ainda o Prêmio Cosme Alves Netto, que vai reconhecer a obra que melhor representar os direitos humanos oferecido pela Anistia Internacional Brasil. O júri da premiação é composto por Jurema Werneck, diretora-executiva, e Alexandra Montgomery, diretora de programas, ambas da instituição, e ainda o cineasta Joel Zito Araújo, também do júri oficial. “Estamos muito felizes com essa premiação, pois vai refletir a questão dos direitos humanos”, completa o curador.